

RESENHA: Elucidando Gramsci

Por Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*

MORTON, AdamDavid. *Unravelling Gramsci - Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy*. London: Pluto Press, 2007b.

Adam David Morton, professor da Universidade de Nottingham e editor de resenhas de livros da revista britânica marxista *Capital & Class*, tem uma significativa contribuição para os estudos gramscianos. Embora menos conhecido e lido no meio acadêmico que seus pares no estudo da obra do comunista italiano Antonio Gramsci (COX, 1981; MURPHY, 1998; RUPERT, 1995), seus trabalhos oferecem um diferencial em relação aos outros pesquisadores: demonstra maior rigor consubstanciado pela leitura dos textos originais em italiano da obra carcerária e, em particular, da edição crítica dos *Quaderni del Carcere* (GRAMSCI, 1975) elaborada pela equipe de Valentino Gerratana em 1975. Um exemplo de tal contribuição é o livro que é objeto da presente resenha.

Seu único texto traduzido no Brasil, publicado pela Revista de Sociologia e Política, da Universidade Federal do Paraná (MORTON, 2007a), evidencia a categoria gramsciana de revolução passiva como método de análise em termos de uma sociologia histórica comparada sem perder de vista a especificidade das distintas experiências de um desenvolvimento desigual e combinado no âmbito do capitalismo global. Destaque-se ainda o seu artigo mais acessado na rede mundial de computadores¹, escrito a quatro mãos com a professora Pinar Bilgin, da Universidade Bilkent, de Ankara, Turquia. No artigo em questão, ambos criticam as representações historicamente construídas nas Ciências Sociais dos assim chamados “Estados falidos” (BILGIN; MORTON, 2002). Seu programa de pesquisa focaliza principalmente a categoria gramsciana referida, conforme atesta a sua substancial apresentação de número da *Capital & Class* (MORTON, 2010) e a sua aplicação para análise de distintas particularidades históricas.

O seu livro “Unravelling Gramsci” aponta para o mesmo diapasão e levanta questões sobre a historicidade das categorias gramscianas; tanto no seu contexto original de primeira e segunda redações contempladas na edição crítica, quanto

na sua capacidade de aliar questões teóricas e empíricas e em sua historicidade que se manifesta também na análise do presente. Morton, todavia, não escapa de rigor para, inclusive, avaliar Gramsci criticamente e verificar eventualmente anacronismos históricos presentes em sua obra. Tudo isso com vistas à perspectiva analítica que a categoria gramsciana de revolução passiva proporciona para a economia política global (MORTON, 2007b).

O capítulo 1 levanta o tema do desenvolvimento desigual do capitalismo abordada por Gramsci no contexto Norte/Sul; apresenta o plano geral do livro na perspectiva da articulação do pensamento e prática gramscianos em termos da relevância contemporânea das categorias de revolução passiva e hegemonia para a compreensão da economia política internacional; já delinea a ideia de que não há uma rígida cisão entre os âmbitos regional, nacional e internacional, mas antes uma relação desses níveis fracionados de modo aceitável somente em perspectiva metodológica. O desenvolvimento capitalista desigual envolve esses âmbitos. Morton discute interpretações e perspectivas metodológicas que superestimam o caráter imanente - focado somente no texto - e de ênfase no plano nacional, específico da Itália; e mostra os limites e equívocos de tais perspectivas na interpretação da obra de Antonio Gramsci.

A discussão de historicizar Gramsci no seu contexto e além dele é o objeto do segundo capítulo. Morton chama a atenção para o historicismo absoluto e austero que marca o pensamento do comunista italiano. Sua conclusão aponta um modo gramsciano de estudar a história das ideias focando o ritmo de elaboração de seu pensamento. Trata-se de um ponto elucidado por Gramsci para o estudo das ideias e de seu próprio conjunto de formulações. Todavia, ressalta que não se deve ir somente ao contexto das ideias ou além: não se deve caracterizar Gramsci como uma espécie de profeta. Ao agir dessa forma, abre-se também a possibilidade de se questionar criticamente seu trabalho em termos de sua teoria

e sua prática. A título de exemplificação, a categoria de hegemonia não pode ser vista na perspectiva teórica, mas na feição da análise concreta das diferentes formas de Estado e mudanças específicas nas relações sociais de produção.

A relação entre revolução passiva, formação dos Estados e sistema internacional é o mote do terceiro capítulo. Definindo inicialmente a partir de Gramsci, a revolução passiva é um processo de transformação conservador “pelo alto”. Morton explora a relação do processo histórico de formação da Itália com os diferentes ritmos do desenvolvimento histórico e do capitalismo dentro da península, ponto já contemplado por Gramsci no seu inconcluso ensaio sobre a questão meridional. Valendo-se do que Gramsci chamou de método de analogia histórica, Morton chama o foco para as condições de desenvolvimento estrutural e formação dos Estados no contexto do sistema de Estados europeu. Analisa as diferenças entre tais processos envolvendo a França e o restante da Europa, lançando mão da categoria de revolução passiva para a análise da reunificação italiana e a presença do âmbito internacional nesse processo. Fazendo uso das análises de Gramsci, um dos exemplos explorados por Morton aponta o sentido do fascismo italiano na chave da revolução passiva no contexto da resposta à intervenção do capital anglo-americano na Itália.

O capítulo 4 trata do “momento da hegemonia”, percorrendo sobre cinco aspectos. Primeiro, as influências fundamentais sobre a formação do pensamento de Gramsci, que não se deixou levar pelo nacionalismo juvenil da Sardenha, nem pela assimilação total pela cultura, nem pelas ideologias passivizantes do norte italiano. Foi marcante para toda a sua obra sua experiência militante, bem como a questão meridional italiana, dentre outros autores e perspectivas. Segundo, o momento da hegemonia como um processo constantemente construído e contestado através de diferentes formas de lutas de classe no âmbito da sociedade civil e do Estado; noções inseparáveis para Gramsci e entendidas como “Estado integral”. Tais lutas se desenrolam tanto no âmbito da estrutura material da ideologia quanto nas formas intersubjetivas de consciência. Terceiro, a importância da categoria de bloco histórico para indicar a formação de uma hegemonia. Quarto, a compreensão dos *loci* nacionais como pontos de partida e das expressões internacionais para a

formação da hegemonia. Quinto, os contrastes e conexões entre as condições de hegemonia e revolução passiva para as análises contemporâneas.

Conforme Morton, o capítulo que abriga o foco central do livro é o quinto, lançando luzes sobre a ordem mundial, a economia política global e a hegemonia sob uma perspectiva neogramsciana. O capítulo faz uma espécie de mapeamento da literatura neogramsciana, além das contribuições críticas à bibliografia referida. Mostra de modo sucinto alguns dos debates que envolvem um raciocínio crítico para a hegemonia, envolvendo as relações de produção, formas de Estado e a ordem mundial, questionando a ontologia dominante nas Relações internacionais dos enfoques realistas e liberais.

Ao tratar da economia política global do desenvolvimento desigual no capítulo 6, Morton se opõe à tese de um Estado transnacional justamente porque ela não contempla uma análise adequada dos processos específicos de acumulação do capital em diferentes Estados através do foco multiescalar da revolução passiva. Tomando o México como análise mais concreta de uma revolução passiva, Morton aponta para a crise de hegemonia do Partido Revolucionário Institucional desde os anos 1970. O caso mexicano mostra a dinâmica das classes sociais com vistas às mudanças orientadas para o mercado, numa perspectiva neoliberal, ressaltando a ausência de um único movimento ou uma única reprodução direta ou modelo uniforme da implantação do modelo neoliberal.

O sétimo e penúltimo capítulo discute o tema da globalização e resistência em face dos subalternos. Toma como objeto o recente movimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional no México. Ele chama o foco para as questões da propriedade da terra e do camponês como classe social envolvida em formas ativas de resistência e evidencia a relação entre a altamente dependente identidade indígena com o acesso à terra. Ademais, as iniciativas de resistência são ações imbuídas de caráter local inseridas em processos capitalistas mais amplos; elas têm a devida escala de espacial, de hegemonia e resistência que atravessam as matrizes do Estado, do âmbito do poder local e transnacional sem o predomínio de nenhum desses níveis. Deve-se entender justamente a segunda geração de reformas neoliberais no México e na América Latina

como uma tradução da hegemonia no plano internacional e/ou contestada por meio de formações sociais locais como parte intrínseca do processo de dominação e resistência em contextos específicos de revolução passiva.

No capítulo conclusivo, Morton reitera interessante posição não dogmática e coerente com o raciocínio gramsciano. Não se trata somente de ilustrar empiricamente suas ideias no que concerne à conexão entre revolução passiva e hegemonia no contexto do desenvolvimento desigual do capitalismo global. É necessário também engajamento teórico **a favor e contra** Gramsci. Morton reconhece uma lacuna na formulação na teorização do desenvolvimento desigual na perspectiva de combinar a generalidade do capitalismo com uma sociologia histórica das transformações específicas dos Estados. Nesse esteio, a teorização gramsciana ainda tem que ser elucidada, desenvolvida, a partir, por exemplo, do que Gramsci esboçou em seu caderno carcerário 22, intitulado “Americanismo e fordismo”. Morton remete ao papel ou caráter dos movimentos sociais como criadores de uma nova forma de Estado, compatível ou não com a noção de partido, ainda que em sentido *lato*. Tal preocupação de Gramsci, a partir do que desenvolveu na sua obra carcerária, permanece em aberto. Outro ponto remete à prática política atual e que demanda investigações futuras: o papel dos sindicatos e de outros mecanismos de participação em contexto de uma tensão no pensamento gramsciano entre democracia e autoritarismo e uma base estatista de matriz leninista. Por fim, Morton sugere ainda uma possibilidade contrária às formulações de Gramsci nos cadernos carcerários. Tem como objetivo não proporcionar um conceito estreito de antagonismo político ou mesmo de luta de classes e agentes políticos, de modo a sugerir questões mais amplas de formação de identidades na consciência dos atores referidos e também não cair em eventuais equívocos que possam revelar uma concepção essencialista predeterminada da natureza humana●

Nota

¹ Informação transmitida por Adam Morton ao autor no Seminário Internacional “Antonio Gramsci: a periferia e os subalternos”, promovido pela International Gramsci Society na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista em Marília (SP).

Referências

- BILGIN, Pinar & MORTON, Adam David: Historicising Representations of ‘Failed States’: Beyond the Cold War Annexation of the Social Sciences?, *Third World Quarterly*, vol. 23, no.1, pp. 55-79, 2002.
- COX, Robert W.: Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory, *Millenium: Journal of International Studies*, vol. 10, no. 2, pp. 126-155, 1981.
- GRAMSCI, Antonio: Quaderni del carcere, Torino: Einaudi, 1975.
- MORTON, Adam David: A Geopolítica do Sistema de Estados e o Capitalismo Global em Questão, *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, no. 29, pp. 45-62, nov. 2007a.
- _____: *Unravelling Gramsci - Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy*. London: Pluto Press, 2007b.
- _____: The continuum of passive revolution, *Capital & Class*, no. 34(3), pp. 315-342, 2010.
- MURPHY, Craig N.: Understanding IR: understanding Gramsci, *Review of International Studies*, no. 24, pp. 417-425, 1998.
- RUPERT, Mark: *Producing Hegemony – The Politics of Mass Production and American Global Power*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

*** Professor do Mestrado em Ciência Política/UFPI; coordenador de grupo de estudos e pesquisas sobre Gramsci/UFPI; pesquisador do Grupo “Marxismo e Pensamento Político” do CEMARX - Unicamp; bolsista e pesquisador visitante do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).**

Expediente

INFORME ECONÔMICO

Ano 12 - n. 26 - novembro. 2011

Reitor UFPI: Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Junior

Diretor CCHL: Prof. Dr. Pedro Vilarinho

Chefe DECON: Prof. Ms. João Soares da Silva Filho

Coord. Curso Economia: Prof^a Ms. Janaina Vasconcelos

Site DECON: <http://www.ufpi.br/economia>

Coord. do Projeto Informe Econômico:

Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima (s.olima@bol.com.br)

Conselho Editorial: Prof. Dr. Antonio Carlos de

Andrade/UFPI, Prof. Esp. Luis Carlos Rodrigues Cruz

Puscas/UFPI, Prof^a Dr^a Socorro Lira/UFPI, Prof. Dr.

Solimar Oliveira Lima/UFPI, Prof. doutorando Samuel

Costa Filho/UFPI, Prof. Dr. Vitor de Athayde Couto/

UFBA, Prof. Dr. Wilson Cano/UNICAMP,

Econ. Ms. Zilneide O. Ferreira.

Coord. Publicação e Diagramação:

Economista Enoisa Veras (enoisa@hotmail.com)

Revisão: Economista Zilneide O. Ferreira

(zilneide@terra.com.br)

Projeto Gráfico: MHeN

Jornalista Responsável: Prof. Dr. Laerte Magalhães

Endereço para Correspondência:

Universidade Federal do Piauí - CCHL - DECON

Campus Ininga - Teresina-PI - CEP.: 64.049-550

Fone: (86) 3215-5788/5789/5790 - Fax.: 86 3215-5697

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: Gráfica UFPI



Números anteriores das publicações do Curso de Economia - **Informe Econômico e Texto de Discussão** -, e informações sobre o referido Curso, encontram-se no *site* da UFPI, na página do DECON: www.ufpi.br/economia